

Opera Rotas”, outras vezes, porém, “nada nos governa”, e a poesia se adivinha em meio a um cípoal de palavras, como em “Dos Pés/um relato” e “Exército”. É quando ela apenas se anuncia, negaceia, para que a adivinhem, mas nunca a decifrem, fazendo-se ilegível para poder sussurrar o infinito.

O ESTILO

Quase sempre, tem o verso curto e preciso. Rimas suaves, leves ressonâncias, que fazem resvalar “lenda” em “engendra”. Metáforas midiáticas, como rebatedores de luz, para as entrevistas. Às vezes é, também, um inventor de palavras ou um garimpeiro de termos desusados, como “passamanes” ou “cacida”, na busca da escrita exata. Embora saiba da impossibilidade de traduzir poesia em palavras, da impotência do verso, que do encanto só consegue aproximações, ou seja: “eu não posso ser escrito/é só um estilo que fica”. Ainda assim insiste: “sou constelação e você vai tentando me escrever”. Suas releituras são dos modernistas, portugueses, brasileiros e cearenses. Canções que lembram Bandeira e seu humor brincalhão, quase sarcástico. Joga, por vezes, com a poesia concreta, como em “Azul”, no estilo do avô, um concretista lírico. Outras vezes com o surrealismo, dando-lhe uma conotação popular, como no magistral poema: “O Poder de Domar do Pequeno”, em que Ylo define o que é ser vento. Presta tributo a Ezra Pound, Saramago e a Gerardo Mello Mourão, com seu canto cósmico, já que nasceu “quando a mão celeste ordenhava estrelas”, para alcançar uma locução bíblica, ao revelar: “O meu silêncio será teu adubo/e minha pureza tua morada/e nada mais perguntarás”.

O ADULTO

Mas há também o lado obscuro, o lado sujo do mundo, quando é “noite três vezes/o escuro fechando/as portas do céu”. Na cidade, o poeta vê o fantasma da selva, feito um morto a chorar o lugar perdido, onde de repente um nome de pássaro ganha novo significado: “nossa cidade nossa andorinha/aquece teu passo e me acha”. É quando a memória lhe foge, como em “Ó, Oblivion”, onde “tudo foi farto e primoroso/(...) em compensação/eu não/me lembro bem”. Mas o poeta resiste, e pode falar pela boca de um anjo: “meu amor te escrevo/do paraíso/vim buscar umas coisas/que tinha esquecido”. Ainda é capaz de contemplar a paisagem ameríndia, o mar, as praias, as marés de brumas e espumas. E nela, reconhecer-se: “Minha vida é esta e não estou perdido”.

Oswald Barroso



A CASA ANTIGA

a tarde, em meus olhos, visita a casa.

à frente, do outro lado do que se passa

– a rua, os homens – a honestidade

da casa em branco contorno, nela

o que ainda se move, nela o que ainda

se vê erguido, mas a mente da casa

é um fino regato e sua cólera nos engana.

tris

ylo barroso fraga



tris

ylo barroso fraga



O MENINO

Menino peralta, elo entre tramas, “gr(ylo)” renitente e zunindo, criado no “Criancó/ rachando sob o luar”, lugar onde seu mundo se origina, útero da matéria, chão do invisível, nada de amor preenchido, fonte do silêncio que fala, de tanto som, de tanta luz, onde se pode ouvir a “sirene muda do coração”. Logo nos primeiros poemas se anuncia o poeta do Trairi, dos seus barcos e de suas praias de areia clara, onde se tem todo o tempo do mundo para mirar os pequenos insetos, simples rola-bostas, os mais bonitos, “onde cada olhar era uma paisagem além de mim/e cada coisa além disso era muito e sem fim/tudo era o sal do sol da lágrima/que explodiria no meu rosto”. E assim cresceu, parte da natureza, seu filho arbóreo, brincando no mato, onde “eu-e-tu (...) nós/ éramos os galhos da mangueira/ e o sorriso do menino manda/e é como se o dia não acabasse/reverdescesse”. Por isso, ajuda a terra a cumprir seu ciclo vital, observando o mundo e deixando a vida passar, descobrindo o encanto das coisas miúdas e dos gestos delicados: “ver/feliz, pequeno biscoito/que se mergulha/no café”.

O POETA

Ser poeta é ver o mundo com os olhos dos santos, das crianças e dos enamorados, admirar-se do já visto, da grandeza do aparentemente simples, como se nunca antes houvesse nele posto os olhos, e explicasse: “o céu é azul/por que as nuvens são brancas”. Ser poeta é existir em permanente vigília, ouvindo o inaudível, os sons do amor na intimidade, os gritos do silêncio, seus segredos, os raros marulhos da grande cidade. Ser poeta é ser um bicho, portanto, um cão vadio, que aqui está “para latir e coçar-se, dizendo ao mundo que ainda há vadiagem”, e ser capaz de distinguir cores impossíveis: “azul de cajá-eu-sonho-teu-ventre. Ser poeta é ser vento, não permanecer em si, “é ser semi-além”, ter nuvem, como queria Moisés Leitão. Ser poeta é, no ônibus, ouvir “o olhar cúmplice dos passageiros/adivinhandando poesia” e, de repente, surpreendê-la, “nas nuvens/achar teu telefone”.

A POESIA

A poesia é uma planta, um animal, uma pessoa, talvez Fernando, talvez Antônio, ou a chuva, os pingos da chuva ao contar o tempo “e assim o poema desmancha-se/exaure-se/como dia/após outro fatal”. Mas é também a beleza imensa das coisas insignificantes, como “um pequeno saramago a beijar nenúfares”, feito uma promessa de amor para Bárbara, ao dizer, “que minha vida na tua estará/como ponto em seu centro a girar”. Algumas vezes a poesia se concentra e cada palavra é essencial, como em “Sator Arepo Tenet